

JOGOS DE VERDADE, PODER E RESISTÊNCIA: PENSANDO A CONSTITUIÇÃO DA MULHER CIENTISTA EM DISCURSOS DAS MÍDIAS DIGITAIS

pg 102-115

Kalem Kanyk Fernandes Gomes¹

Francisco Vieira da Silva²

Resumo

Assim como em outros campos, na ciência, persiste uma histórica distinção de representação da mulher em relação ao homem. Na tentativa de contribuir para uma maior visibilidade desses sujeitos, mídias digitais (a exemplo *blogs* de notícias), evidenciam trajetórias de mulheres cientistas em narrativas, nas quais estas, exibem premiações e dificuldades enfrentadas por elas durante a carreira profissional. Diante disso, o presente estudo objetiva investigar a verdade, relações de poder e estratégias de resistências que atravessam a constituição da mulher cientista em discursos das mídias digitais. Por conseguinte, as análises apontam para a existência de um regime de verdade no campo científico, acerca do modelo masculinizado de cientista, o que faz emergir relações de poder que minimizam, excluem e invisibilizam as mulheres cientistas, mas que também possibilitam estratégias de resistência. por parte destas.

Palavras-chave: Verdade. Poder. Resistência. Mulheres cientistas. Mídias digitais.

GAMES OF TRUTH, POWER AND RESISTANCE: THINKING THE CONSTITUTION OF THE SCIENTIST WOMAN IN SPEECHES OF THE DIGITAL MEDIA

Thus as in others fields, in the science, persists a distinction historical of woman representation in relation to man. In the attempt of contribute for a better visibility of these subjects, digital medias (the example, blogs of notices), evidence trajectories of scientist women in narratives, in the which these, exhibit awards and difficulties faced by they during the professional career. Therefore, this present study objective to investigate the truth, relations of power and strategies of resistances that cross the constitution of the

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: kallekmannyk_@hotmail.com.

² Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

woman scientist in speeches of the digital medias. Consequently, the analysis point for the existence of a regime of truth in the scientific field, about of the masculinized model of scientist, what does to emerge relations of power that minimize, exclude and invisible the scientist women, but that also enable strategies of resistance for parts of they.

Keywords: Truth. Power. Resistance. Woman scientist. Digital medias.

Considerações iniciais

Historicamente, sabe-se que à mulher foram atribuídos papéis desvalorizados e, por vezes, invisibilizados. Nesse sentido, não podemos pensar na condição feminina sem considerarmos o sistema por meio do qual são dominadas, exploradas e tidas como seres inferiores aos homens: o patriarcado. O patriarcado “ancora-se em uma maneira de os homens assegurarem, para si mesmos e para seus dependentes, os meios necessários à produção diária e à reprodução da vida” (SAFFIOTI, 2004, p. 105). Segundo a autora, esse sistema baseia-se no controle, pelos homens, da sexualidade e da capacidade de reprodução das mulheres, bem como de seu trabalho. Nesse sentido, de acordo com Foucault (2006), constata-se que a história não é constituída em relações de sentido, mas em relações de poder.

Desse modo, entende-se que a disparidade entre homem e mulher, de fato, fundamenta-se em uma verdade estabelecida pela história. Em seus escritos, Foucault (2004) acentua que a verdade está ligada a uma construção social materializada pelas relações de poder, sendo ela (a verdade), mecanismo empregado para disciplinar o comportamento social. Por isso, pensando sobre a relação desses dois conceitos, o filósofo francês elucida que “a verdade não existe fora do poder ou sem poder”

(FOUCAULT, 1988, p.12) ou mesmo: “a própria verdade é poder” (FOUCAULT, 1988, p.14).

Compreendendo que a mulher sempre foi objetivada socialmente como sujeito incapaz de desenvolver determinadas atividades, Saffioti (1987) acentuou que “a identidade da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo” (SAFFIOTI, 1987, p. 8), aos homens são sempre conferidos papéis de elevado valor social. Já às mulheres, são delegados papéis desprestigiados, os quais estão ligados à reprodução da vida e o cuidado com o lar.

Nessa perspectiva, Izquierdo (1992) assinala que as mulheres são destinadas a ocuparem papéis de sobrevivência enquanto os homens são destinados aos papéis de transcendência. Isso significa que às mulheres são atribuídos papéis que se restringem ao ambiente doméstico e familiar – à esfera da sobrevivência. Ao mesmo tempo, elas são mantidas distantes da esfera pública/transcendente, na qual as decisões são tomadas, enquanto aos homens, são designados papéis superiores aos de sobrevivência; a eles são permitidos pensar o mundo e suas relações, a tomar decisões e a elaborar leis, padrões dentre outros.

As mesmas condições podem ser observadas na inserção das mulheres no mundo do trabalho remunerado. De acordo com Kergoat (2000), as mulheres exercem funções ligadas ao que socialmente é estabelecido como feminino também no ambiente de trabalho e, mesmo que elas se insiram em atividades de predominância masculina (como as mulheres cientistas que compõem o nosso *corpus*), serão submetidas ao julgamento e autoridade dos homens.

Em concordância com o que foi discutido acima, compreende-se que a inserção das mulheres na ciência é acarretada por dificuldades e desafios, e que existe uma marcante e histórica distinção de

representação desta em relação ao homem. No entanto, o autor francês esclarece que “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência” (FOUCAULT, 2004, p. 136). Isto posto, conforme Cortes (2017), percebemos uma relevante participação da mulher ao longo dos últimos anos não só na ciência, mas em outros campos. Segundo a autora, “a atuação da mulher em ambientes onde a presença do homem é notadamente predominante, tem aberto espaço para discussões e para a emergência de estudos abordando as relações de gênero” (CORTES, 2017, p. 7).

Por entender a necessidade de maior abordagem sobre o tema e com o objetivo de contribuir para dar maior visibilidade a essas mulheres cientistas é que trazemos a lume textos das mídias digitais, a exemplo de *blogs* de notícias, que apresentam narrativas e depoimentos, tornando evidente as trajetórias, conquistas, trabalhos desenvolvidos, desafios e também preconceitos vivenciados por essas mulheres que, assim como os cientistas de sexo masculino, são premiadas durante a carreira profissional.

A partir destes apontamentos, o presente trabalho apresenta os seguintes objetivos: a) investigar a verdade, relações de poder e estratégias de resistências que atravessam a constituição da mulher cientista em discursos das mídias digitais; b) analisar de que forma os discursos acerca da mulher cientista alinham-se à verdade e às relações de poder historicamente estabelecidas.

O *corpus* do presente trabalho contempla duas materialidades discursivas que se encontram disponíveis em dois *blogs* de notícias distintos: *Ciência & Mulher* e *Lugar de Mulher*. Estes retratam não só trajetórias e premiações, mas desafios, dificuldades e preconceitos vivenciados por duas cientistas de áreas científicas diferentes. Do ponto de vista metodológico, essa pesquisa segue um

caráter descritivo-interpretativo, cuja abordagem é essencialmente qualitativa.

Para amparar as análises, partimos da perspectiva da Análise do Discurso (AD), a partir do método arqueogenalógico proposto pelo filósofo francês Michel Foucault, notadamente através das ponderações desenvolvidas pelo autor em torno do discurso, enunciado, formação discursiva, prática discursiva, e, de modo mais verticalizado, da verdade, do poder e da resistência.

No que se refere à organização deste texto, convém ressaltar que, além destes comentários de caráter introdutório, o artigo está estruturado da seguinte forma: na próxima seção, atentaremos para refletir teoricamente acerca dos principais conceitos foucaultianos. No tópico seguinte, decorremos com as análises do corpus selecionado e, em um último momento, desenvolvemos algumas considerações com pretensões conclusivas.

Do discurso à resistência: um mergulho foucaultiano

Ao refletir acerca das contribuições de Michel Foucault no campo da AD, Fernandes (2012) acentua que desde as suas iniciais pesquisas, desenvolvidas na década de 1960, vislumbrou-se o empenho do filósofo francês em perceber o discurso como objeto de análise. Em Foucault, o discurso como objeto aparece, de início, em sua tese de doutorado que deu origem ao livro *A História da Loucura* (1961), obra em que o autor disserta sobre a formação e as transformações do objeto loucura, e o domínio desempenhado pelas concepções médicas no seu tratamento.

Ulteriormente, em *O Nascimento da Clínica* (1963), Foucault faz uma análise sobre a formação da medicina. Já no livro *As palavras e as coisas* (1966), observa os discursos quanto às epistemes, procurando compreender quais as condições de

possibilidades necessárias para a construção do saber humano; em *Arqueologia do Saber* (1969), Foucault coloca-se como um “arqueólogo escavador de discursos” (FERNANDES, 2012, p.13).

Em *A Ordem do Discurso* (1996), o filósofo assevera que:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consequências de si. (FOUCAULT, 1996, pág. 48-49)

Podemos assimilar que, de acordo com as postulações foucaultianas, o discurso é a explicitação do mundo, a verbalização da realidade na qual os sujeitos são inseridos, através do discurso algo pode ser compreendido, interpretado e reorganizado. Assim, como se renova e se reorganiza, o discurso também se refaz cada vez que é expressado e/ou produzido. Fernandes (2012) ainda acrescenta que Foucault compreende o discurso como enunciados que existem materialmente, e que pode ser escrito ou proferido, “são proposições que adquirem caráter de verdade passando a constituir princípios aceitáveis de comportamento” (FOUCAULT, 2013, p. 19).

Ao se debruçar, arqueologicamente, sobre os estudos em torno dos enunciados, especificamente os enunciados que compõem os discursos das ciências humanas, Foucault (2008) buscava saber por que determinados enunciados foram produzidos e qual o campo social em que estes surgiam. Para ele, “[...] é preciso saber a que se refere o enunciado, qual é seu espaço de correlações, para poder dizer se uma proposição tem ou não um referente [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 101).

Percebe-se que o pensamento foucaultiano se justifica dentro dessa concepção, visto que Foucault (2008) buscava mostrar que os discursos não são justificados por si, mas, surgem no interior de um campo enunciativo no qual são devidamente

construídos. Desse modo, chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, conforme estes se apoiem em uma mesma formação discursiva. Uma vez que:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência. (FOUCAULT, 2008, p. 132)

Isto posto, conforme compreende Azevedo (2013), a formação discursiva aparece em Foucault como um conjunto de enunciados que não são reduzidos a objetos linguísticos, como as preposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma igual regularidade e dispersão em forma de ideologia, ciência, teoria e etc. Por isso, segundo Foucault (2008) “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo” (FOUCAULT, 2008, p.132).

Nesse sentido, Foucault (2008) assevera que o discurso deve ser analisado além do que está exposto, pois ele define não só o dito, mas o não dito. Assim sendo, para Foucault (2008) o enunciado é percebido como unidade do discurso e, para investigar seu funcionamento, é necessário compreender a formação discursiva que favoreceu a aparição de determinados enunciados e não outros. No que se refere ao conceito de formação discursiva, Foucault (1987) analisa a constituição do poder a partir das práticas discursivas e como elas produzem saberes. Portanto, entendemos que os enunciados se inscrevem no interior de algumas formações discursivas, de acordo com um determinado regime de verdade, isto é, obedecendo sempre a um conjunto de regras constituído historicamente, atestando verdades de um tempo característico.

Essa perspectiva de Foucault exibe o enunciado não como uma unidade gramatical usual, mas como uma posição do sujeito. Conforme apresenta Foucault (2008), os enunciados aparecem na fala dos sujeitos como uma ação que emerge a partir e/ou através de outros sistemas de enunciados. Segundo o filósofo francês, todo enunciado (inclusive os que corporificam nossas materialidades de análise) está inserido em um meio social, o qual só possui existência quando se relaciona com outros enunciados, ou seja, dentro de um campo específico de relações: “[...] certos atos ilocutórios só podem ser considerados como acabados em sua unidade singular se vários enunciados tiverem sido articulados, cada um no lugar que lhe convém. Esses atos são, pois, constituídos por uma série ou soma desses enunciados [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 94).

Concomitantemente, Foucault (2013) enfatiza que os discursos devem ser compreendidos enquanto práticas descontínuas que por vezes se cruzam, e por outras ignoram-se e até se excluem. Vale ressaltar que, o discurso funciona como uma prática que correlaciona a língua com “outras práticas” no campo social. De acordo com Azevedo (2013), as práticas discursivas em Foucault são caracterizadas de alguma forma como junção entre discurso e prática. Significa dizer que este conceito agrupa elementos de fabricação e ajuste dos discursos – formados por uma unidade de enunciados – e também de aplicação e formação destes, tanto nas instituições como nas relações sociais, constituindo, assim, um saber, além de estabelecer funções e formas de comportamento numa época. Uma forma de pensar que se opõe à intuição, pois para Foucault (1986),

[...] certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Nesse seguimento, o conceito de discurso quando compreendido como um conjunto de enunciado em que se apoiem na mesma formação discursiva, é apresentado considerando a ideia de práticas discursivas. Por conseguinte, entendemos que, para analisarmos os enunciados que compõem o nosso *corpus*, temos que considerá-los como instáveis e reconhecê-los como objeto de luta, os quais são geridos por uma ordem do dizível, determinada no interior de lutas políticas.

De acordo com Fischer (2013), poderíamos afirmar que em toda a obra foucaultiana a problematização em torno dos discursos e dos saberes está centralizada, assim como o debate acerca das relações de poder e dos modos distintos de constituição do sujeito. Para prescrever o conceito de saber, Foucault (2008) enuncia ser

[...] aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico (o saber da psiquiatria, no século XIX, não é a soma do que se acreditava fosse verdadeiro; é o conjunto das condutas, das singularidades, dos desvios de que se pode falar no discurso psiquiátrico); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (FOUCAULT, 2008, p. 204).

Através deste método, o filósofo apresenta o domínio do saber pela ciência. Assim sendo, a Arqueologia do saber ocupar-se-á em compreender como o “saber em sua relação como as figuras epistemológicas e as ciências, pode, do mesmo modo, interrogar o saber em uma direção diferente e descrevê-lo em outro feixe de relações” (FOUCAULT, 2008, p. 218). Elucidando que Foucault (2008) não cria uma análise em torno dos indivíduos, ele, a partir das relações de saber/poder e poder/saber, faz uma análise acerca da emergência das posições de sujeitos. Ao mesmo tempo em que indica a relevância da consciência que o sujeito pertença a um grupo ou mais grupos.

Nessa perspectiva, Fischer (2001) descreve que a análise do discurso precisa ser capaz de revirar as relações históricas, as práticas que, muito concretas permanecem ‘ativas’ nesses discursos. No caso do nosso objeto de estudo, faz-se necessário investigarmos não apenas os discursos que atravessam a constituição da mulher cientista, dispostos nas mídias digitais, mas como esses dizeres alinham-se a verdades e relações de poder estabelecidas historicamente.

Para identificarmos os jogos de verdade, poder e resistência presentes nas materialidades adiante analisadas; as quais constituem o nosso *corpus*, torna-se necessário também compreendermos algumas elucubrações foucaultianas em torno desses conceitos. De acordo com Vieira e Brito (2015), em Foucault (2004), a verdade é apresentada como elemento indissociável das relações de poder, tendo em vista que para o filósofo, os dois preexistem na natureza social.

Como mencionamos acima, nos escritos da *Microfísica do Poder*, Foucault (2004) percebe a verdade e o poder como componentes que constituem a realidade social, pensada a forma na qual o sujeito, ao interagir, participa de sua elaboração. Conforme Vieira e Brito (2015), ele se afasta da percepção de estrutura durkheimiana, de uma “consciência coletiva” que revoa sobre todos os sujeitos, induzindo-os a pensar e agir em conformidade com as regras de seu funcionamento. No que lhe concerne, Foucault (2004) postula ponderações em torno do entrelaçamento da formação da verdade e do poder ao exercício da sociedade que, segundo ele, não pode se desintegrar da ação individual e coletiva. Nesse sentido, Foucault (2004) faz emergir o papel do sujeito atuando sobre estruturas a começar da interação, ou seja, das práticas sociais/discursivas, das regularidades, da opressão, da vigilância e da resistência.

Segundo Vieira e Brito (2015), para Foucault (2004), o poder deve ser percebido como uma rede

produtiva que perpassa todo o corpo social, que vai além de uma instância de negação cujo objetivo pauta-se na repressão. Assim, o filósofo francês sugere uma descontinuidade que é contrária à noção de poder marxista, a qual o compreende nas estruturas microfísicas. Nesse sentido, não devemos

[...] tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 2004, p. 103).

Desse modo, Foucault (2004) se distancia da concepção de poder e ideologia marxista, que compreende o poder nas suas formas de hegemonia entre grupos sociais (macropoder). O filósofo acentua que o poder é exercido nas mais variadas relações sociais (micropoder), e onde há poder, simultaneamente, há resistência. Segundo o autor, a resistência não é uma substância e não precede o poder, mas é coextensiva a ele. Para resistir, afirma Foucault (2004), é necessário que a resistência seja inventiva, produtiva e móvel, como o poder, e que assim como ele, surja de baixo, distribuindo-se de forma estratégica. Ao pensar sobre a relação de poder e resistência em Foucault, Revel (2005) sintetiza:

A resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder, assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte (REVEL, 2005, p. 74).

Seguindo a perspectiva de Foucault (1995, p. 234), a qual “para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar essas relações”, apresentaremos no tópico seguinte a análise do *corpus*, na qual visamos analisar o funcionamento dos jogos de verdade, de poder e de resistência em discursos sobre a mulher cientista na ciência.

Jogos de verdade, poder e resistência na constituição da mulher cientista nas mídias digitais

As materialidades escolhidas para compor o *corpus* deste trabalho constituem um recorte de notícias veiculadas nos *blogs* Ciência & Mulher e Lugar de Mulher, que expõem narrativas acerca de mulheres cientistas, evidenciando suas premiações, trajetórias, desafios e pesquisas desenvolvidas. Inicialmente, vale ressaltar que as notícias¹ “Não podem: ser cientista e feminina” e “Como uma mulher na ciência, preciso esconder minha feminilidade para ser levada a sério”, apresentam depoimentos de mulheres que atuam no campo científico, em duas áreas distintas do saber (Neurociência e Teologia), e versam sobre alguns desafios e preconceitos enfrentados por elas durante a carreira profissional.

Ratificando o posicionamento de Velho (2006), sabe-se que a trajetória das mulheres na ciência é construída em uma cultura fundamentada no “modelo masculino de carreira”, e que a função de reprodutora da espécie, atribuída a ela, favoreceu sua subordinação ao homem. Na mesma linha de pensamento, Cortes (2017), assinala que, historicamente, o campo científico foi apropriado pelos homens que passaram a exercer a prática científica com exclusividade, por considerarem as mulheres intelectualmente inferiores.

Ainda hoje, pondera Tabak (2002), perdura na sociedade uma ideia de que a mulher “não gosta”, não tem “vocação” para seguir uma carreira na ciência, e/ou é “incapaz” de desenvolver um raciocínio abstrato, sendo “difícil” conciliar atividade científica com os afazeres domésticos, o que contribuiu para a aparição de alguns estereótipos e preconceitos, principalmente por homens, em relação às mulheres que descumpriram e descumprem essa regra.

Isto posto e seguindo a ordem de publicação das notícias, iniciemos nossas análises por uma notícia assinada pela escritora Lady Sybylla, exposta no *blog* *Lugar de Mulher*, no dia 21 de novembro de 2014, a qual compõe a categoria “Maneiras”, que retrata o depoimento de Francesca Stavrakopoulou, teóloga britânica e professora da Universidade de Exeter, no sudoeste da Inglaterra.



Figura 1 - Não pode: ser cientista e feminina. Fonte: Blog Lugar de Mulher

De imediato é possível, perceber na Figura 1, que o título da notícia expressa um determinado tipo de saber gestado num regime de verdade instaurado historicamente, já que expressa uma ideia de “norma”, uma proibição a ser seguida pelas mulheres que se dispõem à carreira científica. O enunciado “Não pode: ser cientista e feminina” exprime, pelo uso dos dois pontos, uma observação e/ou informação, que se atrela a mecanismos de poder patriarcais, presente não só na ciência, mas em outras atividades humanas, reforçando relações de poder historicamente estabelecidas quanto à participação de homens e mulheres na ciência, sendo essa última, sempre vista como incapaz de atuar nesse campo e, por vezes, silenciada. Compreende-se ainda que o enunciado, além de sugerir a ocultação da feminilidade dessas mulheres, indica uma condição para as que já atuam na área e as que pretendem ingressar e alcançar êxito na caminhada, ou seja, pauta-se numa recomendação de um perfil de cientista ideal, o qual faz fortes referências ao modelo de profissional masculinizado.

Posterior ao título da notícia e anterior ao depoimento de Francesca Stavrakopoulos, é apresentada uma breve constatação em torno da presença do sexismo na ciência. O excerto “As mulheres são desencorajadas a seguir carreira acadêmica” (SYBYLLA, 2014) enfatiza o título apresentado anteriormente o qual, por meio de relações de saber-poder, historicamente estabelecidas, faz com que mulheres que resistem em abdicar de sua identidade feminina, percam a coragem de seguir uma carreira científica, temendo, talvez, sofrer com a desigualdade de gênero e com práticas preconceituosas em seu ambiente de estudo ou trabalho.

Mais adiante, nessa mesma parte da notícia, podemos destacar também o enunciado “Enquanto os cientistas homens não precisam “se vestir para o sucesso”, uma cientista mulher sofre todo o tipo de escrutínio da parte de colegas, família e alunos por

conta de suas roupas” (SYBYLLA, 2014). Tem-se uma posição de sujeito que corrobora a definição de poder descrita por Foucault (2004), em que ele percebe o poder como algo que não emana do centro (de uma instituição ou Estado), algo não verticalizado, mas como multidirecional, que está presente em toda a sociedade, de acordo com o filósofo, ele em si não é visível e nem existe, o que se tem são práticas e relações de poder. Por conseguinte, no excerto destacado, flagram-se relações de poder estabelecidas pela história e fundamentadas na distinção de gênero, as quais denotam que ao homem nada é questionado ou visto como inapropriado, a exemplo, suas vestimentas, porém, à mulher, pesa sempre um olhar de julgamento, como se em tudo fosse inferior ao homem e tivesse de ser “governada” e “dominada” por ele, até mesmo no modo de se vestir, mesmo que esse ocupe uma posição inferior a ela, no caso da relação professora/aluno.

A notícia ainda apresenta o seguinte excerto: “Muitas se preocupam em se vestir de maneira a serem levadas a sério, pois para o universo sexista que nos rodeia mulher não pode ser inteligente e bonita, gostar de feminices, como maquiagem, bijuterias e ter cabelos longos e escovados e fazer ciência no dia a dia.” (SYBYLLA, 2014). O fragmento reforça mais uma vez o estereótipo de que a mulher cientista não deve ser vaidosa e nem bonita, caso contrário, seus estudos e trabalhos desenvolvidos não serão levados a sério por boa parte da sociedade. O enunciado ainda denuncia que há certa preocupação por parte de muitas mulheres em serem levadas a sério e respeitadas em seu campo de atuação, e por isso, aceitam a condição imposta sobre ela, a ponto de ter um cuidado maior em se vestir da forma esperada para uma mulher que atua no campo científico, adequando-se ao padrão de cientista ditado pela história, sendo assim, consideradas como sujeitos que devem se inserir dentro da prática discursiva da ciência.

Quanto a essa questão, a notícia apresenta o posicionamento da teóloga Francesca Stavrakopoulous. A cientista, que também é professora da Universidade de Exeter na Inglaterra, proferiu o seguinte depoimento: “Como muitas mulheres cientistas, eu me recuso a usar o uniforme masculino. E como resultado, sou algumas vezes criticada ou aconselhada por homens e mulheres (cientistas ou não) a respeito da minha aparência” (SYBYLLA, 2014). O excerto em destaque faz com que apontemos aqui para outra elucubração de Foucault (2006) em torno do poder, na qual afirma ser o discurso o lugar em que o poder é exercido e também lugar de resistência do sujeito ao mesmo poder, pois suas relações fazem sustentar possibilidades de resistência, configurando uma luta perene e multiforme. Nessa perspectiva, em concordância com a posição social ocupada pela cientista, a atitude de recusar usar uniformes masculinos, caracteriza-se como uma estratégia de resistência para manter sua feminilidade enquanto exerce sua profissão, mesmo por vezes, pesando sobre ela, o poder do julgamento exercido por sujeitos homens e mulheres, cientistas e não cientistas, que tomaram para si a verdade de um modelo específico de aparência.

Entendendo que, para Foucault (2008), o poder está presente nas pequenas e múltiplas relações sociais, e que pode também ser percebido como uma ação sobre ações, destacamos outro excerto da notícia que relata uma experiência vivida pela cientista antes mencionada em uma conferência, na qual uma professora a orientou a “prender seu cabelo ou amarrá-lo num coque, a usar saias longas e calças bem folgadas ou ninguém ouviria o que ela teria para dizer na apresentação” (SYBYLLA, 2014). Mais uma vez observamos um enunciado que minimiza a competência da teóloga, que tendo a aparência julgada pela professora, Francesca Stavrakopoulous ainda teve que ouvir a ameaça de que ninguém ali atentaria para o que ela tinha a apresentar.

O ato de prender os cabelos faz eclodir a tentativa de domar o comportamento e ocultar a feminilidade da teóloga, já que, ela também ouve que deveria vestir-se com roupas que teoricamente a deixaria com uma aparência desleixada e masculinizada, o enunciado proferido pela professora à teóloga, faz emergir uma verdade que, de acordo com Foucault (2004), pode ser compreendida como um mecanismo usado para afirmar uma relação de poder disciplinar, que consiste em “um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 1987, p.195).

Ao comentar o acontecido na conferência, Francesca Stavrakopoulous acrescenta que “Essencialmente, a mensagem é sempre a mesma: a menos que a mulher se vista modesta e conservadoramente, ela vai parecer deslocada na área acadêmica porque, fundamentalmente, ela não tem o corpo certo para ser uma autoridade acadêmica” (SYBYLLA, 2014). Aqui, a teóloga denuncia uma condição de inferioridade feminina no campo científico que, segundo ela, há uma regularidade enunciativa quanto ao assunto, que evidencia o gênero masculino como o ideal para atuar na ciência, e mesmo que a mulher cientista renda-se ao “padrão” exigido nesse campo, segundo a teóloga, esta nunca será vista como o sujeito adequado para ocupar cargos de autoridade acadêmica ou superiores aos homens, pois assim como sempre foi concebido à mulher a subordinação ao marido em casa, na ciência não é diferente.

A teóloga britânica continua seu raciocínio enunciando: “Isso me irrita e eu me recuso a aceitar isso. Minhas habilidades como cientista devem ser julgadas por meu trabalho” (SYBYLLA, 2014). O excerto destacado faz funcionar uma estratégia de resistência da pesquisadora, pois esta se opõe às ditas regras e não aceita os julgamentos a ela atribuídos,

relacionados à sua aparência feminina e enfatiza: “Foi desta maneira que ganhei meu lugar na área acadêmica, independentemente ou apesar da minha aparência ‘feminina’” (SYBYLLA, 2014).

Posterior a isso, a notícia é finalizada pelo enunciado “Pode ser feminina no laboratório, nas palestras, nos congressos, nas salas de aulas. Não é você que tem que mudar, é a ciência que tem que nos enxergar como cientistas que somos” (SYBYLLA, 2014), o que caracteriza um incentivo às tantas mulheres cientistas que mesmo em meio ao século XXI, continuam sendo inferiorizadas, silenciadas e até esquecidas pelo simples fato de serem femininas, e instiga à convocação a se fazerem resistentes, pois se é necessário que haja alguma mudança, de acordo com o enunciado, essa deve

partir do “olhar hierárquico” (FOUCAULT, 1987, p.195) que atravessa a ciência, fazendo acontecer o reconhecimento destas, em decorrência de suas devidas competências, isto é, que sejam percebidas pelas pesquisas desenvolvidas, pelos trabalhos realizados e pela capacidade de exercer qualquer cargo profissional.

Para dar continuidade às nossas investigações, voltemo-nos agora para a segunda e última materialidade discursiva. Trata-se de uma notícia publicada no *blog* Ciência & Mulher, no dia 6 de junho de 2017, a qual integra a categoria “Mulheres em foco”, que apresenta o relato de experiência de Eve Forster, assinante da matéria e então doutoranda em neurociência cognitiva, na Universidade de Toronto, no Canadá.

Como uma mulher na ciência, preciso esconder minha feminilidade para ser levada a sério

“É UMA TESE QUE EU TESTEI. ISSO FOI COMPROVADO”, CONTA EVE FORSTER, DOUTORANDA EM NEUROCIÊNCIA COGNITIVA NA UNIVERSIDADE DE TORONTO, NO CANADÁ

🕒 terça-feira, 6 de junho de 2017 📁 Destaque, Jovens cientistas, Mulheres em foco



Figura 2: Matéria do blog Ciência & Mulher. Fonte: Blog Ciência & Mulher

Como pode ser observado na figura 2, o enunciado que intitula a notícia refere-se a um trecho do depoimento de Eve Forster, presente no corpo do texto jornalístico aqui analisado. Este foi formulado a partir de uma experiência vivenciada pela cientista em seu ambiente de trabalho. O excerto evidencia que, de acordo com as palavras da neurocientista, há um reconhecimento de sua parte em relação à marcante distinção de gênero existente no campo científico, em que a mulher precisa tornar ocultos a sua feminilidade para que seja devidamente respeitada e reconhecida em seu ambiente de trabalho, fazendo com que entendamos que de fato, existe um “padrão” de cientista estabelecido pela história, e esse, refere-se fielmente à figura masculina.

No que se refere ao título da notícia, convém destacar a imagem que compõe a figura 2 e a materialidade aqui analisada. Refere-se a dois cientistas (homem e mulher) em um laboratório na Inglaterra, no ano de 2012. A ilustração permite-nos radiografar que a figura feminina em destaque, segue o “padrão” de cientista mulher que por meio de relações de poder, foi estabelecido. Na ocasião, ambos estão vestidos igualmente com jaleco, ela de cabelos devidamente presos, como determina o ritual de sua profissão.

Dando continuidade à análise da materialidade discursiva, deparamo-nos com o depoimento da neurocientista inglesa, no qual ela assume que esconde sua feminilidade em seu ambiente de trabalho ao citar que “Quando estou no laboratório, me visto tão invisivelmente quanto posso. Eu uso jeans escuros, camisas de mangas longas sem graça, moletoms e sapatos casuais. Meu cabelo é preso em um coque desleixado, e minha maquiagem é mínima” (FORSTER, 2017).

No excerto, figuram-se efeitos de sentido que reforçam a superioridade do gênero masculino na ciência, já que, em concordância com o enunciado de Eve Forster, mesmo demonstrando total

insatisfação, a cientista abdica de sua identidade feminina para manter a seriedade de seus estudos e para que esses sejam entendidos como relevantes. A experiência vivenciada por Forster faz-nos rememorar as mulheres cientistas descritas por Chassot (2003), em que, segundo o autor, na tentativa de colaborar com a produção científica, utilizaram-se de pseudônimos masculinos ou somente o sobrenome, e assim como Forster, vestiam-se de maneira masculina para inibir sua verdadeira identidade, pois se fossem desvendadas, suas pesquisas não teriam validade alguma.

A materialidade é ratificada pelo depoimento da neurocientista que narra uma estratégia de resistir às regras que impõem determinados comportamentos para a mulher cientista. Forster relata que foi motivada por seu parceiro da época a trocar o coque do cabelo pelo estilo solto, na ocasião, ela era assistente de professor e organizava um teste para aplicar com os alunos, e enuncia “Eu estreei meu penteado feminino sem coque no dia de preparação para o exame. Um aluno me perguntou o que eu achava que cairia na prova, então esbocei os tópicos que seriam abordados. Ele me deu um olhar de ceticismo e começou a me dizer o que realmente deveria ter no exame” (FORSTER, 2017).

A atitude do aluno em contestar os argumentos de Forster incide um dizer machista, o qual pode ser entendido como um exemplo de “*mansplaining*”, este, pode ter sido motivado por uma verdade constituída historicamente, a qual denuncia a mulher como um ser intelectualmente inferior ao homem. A neurocientista acrescenta que tentou impedi-lo de confundir os outros alunos e buscou interrompê-lo, mas nada do que ela disse pode convencê-lo de sua autoridade em sala de aula, o que aponta uma maneira do aluno minimizar e constranger a então professora, por ela ser mulher e estar vestida de um modo mais feminino.

Mais adiante, Forster acrescenta: “Embora eu nunca saberei se o comportamento do meu

aluno estava ligado ao meu penteado, suas ações são compatíveis com a construção de evidências de que as mulheres cientistas são levadas menos a sério quando se vestem de uma maneira feminina” (FORSTER, 2017). O reconhecimento do ocorrido por Forster reforça o entendimento de uma atitude machista praticada pelo aluno, motivado talvez, por um saber entendido como verdadeiro quanto à histórica distinção de gênero na ciência que dificulta, reprime e torna invisível a participação feminina nesse campo. Para Foucault (1996), a verdade é constituída a partir de um ponto de vista da realidade, e então, existe no uso de premissas, uma “vontade de verdade”. Por isso, podemos compreender que o fato de Forster se apresentar mais feminina impulsionou, talvez, seu aluno a contrariá-la, a ponto de provocar certo constrangimento na então monitora, já que ela, provavelmente, contrariou uma verdade entendida por ele, quanto ao modelo “correto” de cientista.

Por conseguinte, mesmo exercendo uma posição social superior ao aluno, Forster acrescenta que “De qualquer forma, o coque estava de volta no dia seguinte. Eu me senti minimizando minha feminilidade, voltando a um uniforme que me fazia sentir mais confortável no meu local de trabalho” (FORSTER, 2017). Para se sentir confortável em seu ambiente de trabalho e evitar práticas de inferiorização a ela atribuídas (como a do seu aluno), a cientista teve que se adequar ao “padrão” de cientista mulher estabelecido naquele ambiente, e tornar oculta sua identidade, comportamento e atitudes de mulher para ser levada a sério. Diferentemente de Francesca Stavrakopoulos (cientista mencionada na primeira materialidade), Eve Forster curvou-se aos padrões ditados pela história, não resistiu, e na ânsia de manter vivos seus estudos e a seriedade destes, fez esconder a neurocientista feminina que cobiçava ser um dia.

Considerações finais

Propusemos, neste texto, analisar dizeres que enunciavam sobre a mulher cientista em discursos dispostos nas mídias digitais; mais precisamente em dois *blogs* de notícias que expuseram narrativas sobre estas profissionais, com o intento de investigar o funcionamento da verdade, das relações de poder e estratégias de resistência que atravessam a constituição destes sujeitos.

Para concretizar esse intuito, projetamos um olhar analítico sobre duas materialidades discursivas que tratam dessa questão as quais comungam do mesmo gênero discursivo e da mesma finalidade: notícias que evidenciam depoimentos de cientistas mulheres, os quais fazem emergir experiências, dificuldades, desafios e preconceitos vivenciados por elas durante a trajetória acadêmica e profissional.

Assim como na notícia apresentada no *blog* Lugar de Mulher, o texto jornalístico, publicado no *blog* Ciência & Mulher, evidencia que persiste na ciência um modelo de cientista associado fortemente à figura masculina, o que denota um regime de verdade estabelecido historicamente pela sociedade, o qual faz com que as cientistas depoentes reconheçam e pronunciem a existência da marcante distinção de gênero em suas distintas áreas de atuação.

Outra constatação derivada das análises desenvolvidas refere-se ao funcionamento de relações de poder que fazem funcionar estratégias de controle das mulheres no campo científico. Isso pode ser constatado a partir de experiências relatadas pelas cientistas das duas materialidades analisadas, em que estas foram incentivadas a trocarem suas vestimentas, prenderem seus cabelos, não fazerem uso de maquiagem para adequarem-se ao modelo de cientista masculinizado que, por meio de um regime de verdade, fabricou, historicamente, o corpo do cientista com caracteres masculinizados.

Em concordância com ponderações foucaultianas, evidenciam-se relações de poder, mas também possibilidades de resistência. Desse modo, as análises nos permitiram observar estratégias de resistência, ainda que nem sempre duradouras, levadas a cabo pelas cientistas mencionadas nas materialidades. Na tentativa de manter suas características femininas, a cientista da primeira notícia, Francesca Stavrakopoulos, recusou a usar uniformes masculinos, mesmo sendo alvo de julgamentos por essa atitude. Já a cientista da segunda matéria, Eve Forster usou abandonar o coque do cabelo, porém, foi constrangida por um de seus alunos na época e, diante disso, resolveu voltar atrás e assumir novamente o cabelo preso, em seu ambiente de trabalho.

Nesse sentido, convém elucidar que perdura, no campo científico, um regime de verdade acerca do modelo ideal de cientista fielmente associado ao homem. A existência dessa verdade histórica faz emergir relações de poder que minimizam, excluem e tornam invisíveis as mulheres que se dispõem a ingressar na ciência. Porém, assim como tantas outras que burlaram as regras ditadas pela história, as cientistas mencionadas em nossas análises corroboram com o descumprimento desse padrão de profissional, resistindo aos estereótipos, aos julgamentos, constrangimentos, às tentativas de exclusão a elas impingidos, travando uma luta pela igualdade de gênero na seara científica.

Referências

- AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. In: *Revistas Eletrônicas Filogenese*. Vol. 6, nº 2, 2013.p. 148-162. ISSN 1984-1159.
- CHASSOT, Attico. *A Ciência é masculina? É, sim senhora!* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CORTES, Mariane Rodrigues. *Mulher na ciência: “Ciência também é coisa de mulher”*. 2017. 127f. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Física) - Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2017.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 13.
- FISCHER, R. M. Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, L. A. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- FISCHER, R. M. Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In: *Cadernos de Pesquisas* (Fundação Carlos Chagas), São Paulo (SP), v. 114, 2001, p. 197-223. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf>. Acesso: 13 de jan. 2019.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 20.ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Tradução: Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. Poder e saber. Entrevista gravada em Paris, em 13 de outubro de 1977. In: MOTTA, M. B. (Org). *Michel Foucault: estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.223-240. (Ditos e escritos).

- FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 1-14.
- FOUCAULT, Michel. (1975). *Vigiar e Punir*. História da Violência nas Prisões. Tradução brasileira: Raquel Ramalhe. 18ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- IZQUIERDO, Maria de Jesus. *Bases materiais del sistema sexo/gênero*. São Paulo: SOF, 1992.
- KERGOAT, Danielle. “Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo”. In: *Dictionnaire critique du féminisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução: Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 74.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Editora Moderna, 1987.
- TABAK, Fanny. Estudos substantivos sobre mulher e ciências no Brasil. In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org.). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. p. 39-49.
- VELHO, Léa. Prefácio. In: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (Org.). *Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento*. Londrina: IAPAR, 2006. p. xiii-xviii.
- VIEIRA, Demóstenes Dantas; BRITO, Luan Talles de Araújo. Verdade e poder em Michel Foucault: um projeto genealógico. *Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia*, Caicó, v. 8, n. 2, p.73-82, jul-dez. 2015. ISSN 1984-5561.
- Blog Ciência & Mulher. *Como uma mulher na ciência preciso esconder minha feminilidade para ser levada a sério*. Disponível em: <http://www.cienciaemulher.org.br/como-uma-mulher-na-ciencia-preciso-esconder-minha-feminilidade-para-ser-levada-a-serio/>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- Blog Lugar de Mulher. *Não se pode ser feminista e cientista*. Disponível em: <http://lugardemulher.com.br/nao-pode-ser-cientista-e-feminina/>. Acesso em: 17 dez. 2018.

Submissão: 15 de fevereiro de 2019.

Aceite: 16 de março de 2019.